

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados¹

Mobility of the population of European origin in Portuguese America in the 17th century: settlement, business and armed conflicts

Movilidad de la población de origen europeo en la América portuguesa en el siglo XVII: asentamiento, negocios y conflictos armados

Mobilité de la population d'origine européenne en Amérique portugaise au XVIIe siècle: établissement, commerce et conflits armés

Diogo Andrade Cardoso
CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”; Escola Superior de
Educação do Instituto Politécnico do Porto
diogocardoso@ese.ipp.pt

Resumo: A presença portuguesa na América sempre foi acompanhada por uma forte mobilidade. Quer ao longo da costa, quer em direção ao interior, os portugueses deslocaram-se com o intuito de obter novas terras, recursos, negociar, combater ou evangelizar. Este artigo pretende analisar essa mobilidade, estudando as motivações individuais, através, por exemplo, de um cruzamento com as ocupações e os locais onde esta circulação ocorria ao longo do século XVII. Utilizando os processos inquisitoriais como fonte principal, pretende-se compreender o papel das cidades e vilas dos estados do Brasil e do Maranhão e do Grão-Pará na deslocação dos indivíduos não só em direção ao interior, onde a presença portuguesa se foi consolidando de forma gradual, mas também entre as diversas capitánias. Assim, a função dos principais povoamentos, tais como Salvador da Baía, Olinda, Recife, Rio de Janeiro ou Belém do Pará, será analisada como ponto de chegada para a população europeia, mas também como local de partida de uma migração radial em direção ao sertão e como plataforma de mobilidade entre os principais polos de ocupação humana de cada uma das capitánias. Em última instância, pretende-se discutir o papel da indústria açucareira, da religião e dos combates contra populações nativas ou povos europeus na circulação dos portugueses neste território ao longo de Seiscentos.

Palavras-chave: Brasil colonial; migrações; século XVII.

Abstract: The Portuguese presence in the Americas was always accompanied by high levels of mobility. Whether along the coast or towards the hinterland, the Portuguese moved with the intention of acquiring new lands and resources, engaging in trade, combat, or evangelism. This article aims to analyse this mobility by studying individual motivations—for instance, by cross-referencing occupations with the locations where this movement occurred throughout the seventeenth century. Using inquisitorial trials as the primary source, the study seeks to understand the role of the cities and towns of the states of Brazil and Maranhão and Grão-Pará in the displacement of individuals, not only towards the interior, where the

¹ Este trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do projeto UID/04059/2025, <https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025>. A construção dos recursos visuais deste artigo foi realizada pelo Serviço de Infografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a quem se agradece.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

Portuguese presence was gradually consolidated, but also between the various captaincies. Consequently, the function of the main settlements, such as Salvador da Bahia, Olinda, Recife, Rio de Janeiro, or Belém do Pará, will be analysed as points of arrival for the European population but also as points of departure for a radial migration towards the *sertão* (backlands) and as platforms for mobility between the primary hubs of human occupation in each captaincy. Ultimately, the article intends to discuss the role of the sugar industry, religion, and conflicts against native populations or European powers in the movement of the Portuguese within this territory during the 1600s.

Keywords: Colonial Brazil; migrations, 17th century.

Resumen: La presencia portuguesa en América estuvo siempre acompañada de una fuerte movilidad. Ya fuera a lo largo de la costa o hacia el interior, los portugueses se desplazaron con el propósito de obtener nuevas tierras y recursos, negociar, combatir o evangelizar. Este artículo pretende analizar dicha movilidad, estudiando las motivaciones individuales a través, por ejemplo, del cruce entre las ocupaciones y los lugares donde esta circulación ocurría a lo largo del siglo XVII. Utilizando los procesos inquisitoriales como fuente principal, se pretende comprender el papel de las ciudades y villas de los estados del Brasil y del Maranhão y el Grão-Pará en el desplazamiento de los individuos, no solo hacia el interior —donde la presencia portuguesa se fue consolidando de forma gradual— sino también entre las diversas capitanías. Así, la función de los principales asentamientos, tales como Salvador de Baía, Olinda, Recife, Río de Janeiro o Belém do Pará, será analizada como punto de llegada para la población europea, pero también como lugar de partida de una migración radial hacia el sertão (tierras del interior) y como plataforma de movilidad entre los principales polos de ocupación humana de cada una de las capitanías. En última instancia, se pretende discutir el papel de la industria azucarera, de la religión y de los combates contra poblaciones nativas o pueblos europeos en la circulación de los portugueses en este territorio durante el Seiscientos.

Palabras clave: Brasil colonial; migraciones; siglo XVII.

Résumé: La présence portugaise en Amérique a toujours été accompagnée d'une forte mobilité. Que ce soit le long de la côte ou vers l'intérieur des terres, les Portugais se sont déplacés afin d'acquérir de nouvelles terres et des ressources, de négocier, de combattre ou d'évangéliser. Cet article se propose d'analyser cette mobilité en étudiant les motivations individuelles, notamment à travers un croisement entre les professions et les lieux où cette circulation se produisait tout au long du XVII^e siècle. En utilisant les procès inquisitoriaux comme source principale, l'objectif est de comprendre le rôle des villes et bourgs des États du Brésil et du Maranhão et Grão-Pará dans le déplacement des individus; non seulement vers l'intérieur, où la présence portugaise s'est consolidée progressivement, mais aussi entre les différentes capitaineries. Ainsi, la fonction des principaux établissements, tels que Salvador da Baía, Olinda, Recife, Rio de Janeiro ou Belém do Pará, sera analysée en tant que point d'arrivée pour la population européenne, mais aussi comme point de départ d'une migration radiale vers le sertão et comme plateforme de mobilité entre les principaux pôles d'occupation humaine de chaque capitainerie. En dernier lieu, il s'agit de discuter du rôle de l'industrie sucrière, de la religion et des combats contre les populations indigènes ou les puissances européennes dans la circulation des Portugais sur ce territoire au cours du XVII^e siècle.

Mots-clés: Brésil colonial; migrations; XVII^e siècle.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

1. Introdução

O presente artigo, integrado no âmbito da história social quantitativa, pretende compreender a mobilidade da população luso-brasileira dentro do Brasil ao longo do século XVII. A proposta passa pela identificação e contabilização, com base nos processos inquisitoriais, dos indivíduos que circulavam por este espaço, procurando enquadrar esta circulação no contexto político, militar e económico. Este exercício, ao abordar a mobilidade interna do Brasil seiscentista, assunto pouco estudado pela historiografia, procura compreender as centralidades no povoamento do território e demonstrar como a produção, o comércio e os conflitos, com europeus ou indígenas, foram motores da expansão territorial e motivadores da mobilidade humana, tanto proativa como reativa, registada no *corpus* documental.

Dada a impossibilidade de consultar toda a documentação paroquial dispersa pelo território brasileiro para fazer um perfil migratório da população europeia nesse espaço, foi necessário encontrar documentação alternativa. Pela riqueza dos dados recolhidos relativos a milhares de pessoas que habitaram no Brasil no século XVII, os processos da Inquisição de Lisboa, com jurisdição sobre o Brasil, são uma das melhores fontes para traçar o perfil deste contingente humano. Apesar de não terem tido uma produção sistemática, uma vez que só eram produzidos quando havia denúncia contra alguém que se dizia agir contra a fé, a moral e os costumes (Novinsky, 1985: 56), apresentam as vantagens de cobrir todo o território brasileiro que esteve sob jurisdição da Inquisição portuguesa.

Ao mesmo tempo, por procurar comprovar a existência dos crimes junto de inúmeras testemunhas, a malha inquisitorial reunia dados que permitiam identificar milhares de indivíduos através da idade, naturalidade, estado matrimonial, estatuto de sangue, ocupação e, ainda, residência, circulação e datas dos percursos dos indivíduos. Desta forma, foi consultado um corpo documental de 124 processos inquisitoriais que permitiu identificar 3.320 indivíduos. Para além do número restrito de réus, as testemunhas alargaram o universo de estudo para além dos acusados e daqueles que intervinham na atividade inquisitorial.

No decorrer do século XVII, o Santo Ofício de Lisboa recolheu depoimentos de milhares de pessoas no Brasil. As informações prestadas no decorrer das sessões de

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

inquérito foram sistematizadas numa base de dados. Os dados foram alvo de um tratamento estatístico que, posteriormente, foi sobreposto ao enquadramento teórico para explicar os deslocamentos e determinar em que medida corroboram, ou não, a bibliografia sobre o tema.

É importante notar que, apesar de existirem presenças no Brasil causadas por tarefas inerentes à instituição que produziu a informação, bem como por mobilidade causada pela Inquisição – como o caso das detenções e transporte para uma cadeia –, a consulta dos processos inquisitoriais, em particular das sessões de inquérito, permitiu a deteção, em larga escala, de uma circulação que em nada tinha que ver com a Inquisição, apenas decorrente da atividade regular da população aí instalada. A ausência das motivações de muitos dos deslocamentos impede uma definição clara do carácter estrutural ou circunstancial de parte das trajetórias apuradas. A consulta bibliográfica e documental permitiu avançar com interpretações que justificam essa mobilidade, como se procurará demonstrar ao longo do artigo.

Paralelamente à documentação inquisitorial, e com o objetivo de pormenorizar o perfil dos indivíduos identificados, recorreu-se à consulta das diligências de habilitação para familiar do Santo Ofício dos indivíduos que surgiram na documentação. Estes registos, com dados semelhantes àqueles que eram recolhidos num processo inquisitorial, permitiram, nos casos em que os familiares são referidos, usualmente como os responsáveis pelo aprisionamento de suspeitos, completar os seus dados referentes à naturalidade, idade, residência e vínculos familiares.

2. A presença portuguesa no Brasil no século XVII

O território a que os portugueses chamaram Brasil foi alvo, ao longo da época moderna, de uma sucessiva presença europeia que conheceu diferentes estratégias de fixação, incremento no número de contingentes, aproveitamento económico cronologicamente diferenciado e a convergência de conceções mentais e religiosas que se confrontaram e mesclaram com as existentes no território.

Herdeiro de uma economia açucareira que se vinha a estabelecer desde as últimas décadas de Quinhentos, o Brasil foi, ao longo do século XVII, um conglomerado de ilhas

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

na zona costeira, como ficou ilustrado por Frei Vicente do Salvador ([1918]: 19), que apelidava os portugueses de caranguejos nas praias, incapazes de penetrar no sertão.

Se as fronteiras alargavam na busca de ouro (Marques, 1998: 242), o espaço ocupado permaneceu delimitado. Até à última década de Seiscentos, apesar das expedições em direção ao interior que partiram dos povoamentos costeiros, a vila de maior relevo no sertão foi a de São Paulo (Holanda, 2007: 146). A presença portuguesa esteve sempre concentrada em alguns núcleos junto da costa, a partir dos quais o povoamento se desenvolveu, avançando depois para o *hinterland* ou criando outros focos populacionais (Ricupero, 2016: 150). Assim, o Brasil focado neste artigo era composto por alguns povoamentos de relevo. No Nordeste destacaram-se Salvador da Baía, Olinda e Recife, em Pernambuco; nas Capitanias do Sul, o Rio de Janeiro, São Paulo e a vila do Espírito Santo eram os maiores; no norte, os polos foram São Luís e Belém.

A população que partiu da Europa para o Brasil era, na sua maioria, portuguesa. Os migrantes partiam sobretudo do Entre-Douro-e-Minho, muitos também de Lisboa, e, escapando às condições de vida que tinham no reino ou às perseguições religiosas, fixavam-se num território que prometia terras vastas e férteis e novas oportunidades de negócio. À presença portuguesa acrescentavam-se ainda os estrangeiros em contingentes menores, pois, como estabeleciam as *Ordenações Filipinas* (Livro V, Título CVII), estes não podiam passar aos seus domínios ultramarinos para “...tratar, resgatar, nem fazer guerra sem nossa licença e autoridade”. As populações indígenas e os africanos escravizados, em franco crescimento desde finais do século XVI, completavam os três grandes grupos demográficos presentes no território. Por contabilizar estão os contingentes que resultaram do cruzamento entre estes grupos: o dos *mulatos*, descendentes de brancos e negros, o dos *mamelucos*, resultado das uniões da população branca com a indígena, e o dos *cafuzos*, produto da miscigenação entre indígenas e africanos.

3. A chegada ao Brasil

A chegada dos migrantes que ao longo de Seiscentos se dirigiram ao Brasil não ditava o final da aventura que era a travessia do oceano e sucessiva fixação. Por vezes era apenas um novo ponto de começo, existindo ainda uma grande mobilidade e, para alguns,

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

nunca um destino definitivo. Studnicki-Gizbert (2007: 47) relata esta realidade para o caso dos portugueses que partiam com destino às Índias castelhanas, mas que é perfeitamente válida também para o Brasil, ainda que aqui exista uma maior concentração dos povoamentos junto à costa.

Falta bibliografia especializada sobre a mobilidade no Brasil antes da descoberta do ouro, pois, mais do que afirmar que existiu, é preciso analisar a escala em que ocorreu através do estudo dos números. Em primeiro lugar, nem todos os portos brasileiros mantinham contacto com o reino. Salvador e Recife, no Nordeste, Rio de Janeiro a sul, e São Luís ou Belém, na região amazónica, eram os principais portos de saída em direcção à Europa e costa africana, existindo uma deslocação interna, por via marítima, fluvial ou terrestre, que conduzia os habitantes ou os homens do mar a esses portos e daí a outras paragens. No sentido inverso, para aqueles que acostavam no Brasil, os portos eram, muitas vezes, apenas o primeiro contacto com o novo espaço, disseminando-se as populações posteriormente. Este movimento podia ocorrer logo após a chegada ou passado um período maior de integração e reunião de informações que conduziam os migrantes a outras paragens.

Episódios como estes, que exigiam a deslocação interna de migrantes, ou mesmo da população nascida no Brasil, são recorrentes na documentação. Manuel César de Miranda, nascido em Lisboa, vivia com o pai, Francisco César de Miranda, no Rio de Janeiro, em 1649. Em 1657, estavam ambos a residir em São Paulo, tendo, em algum momento, decidido mudar-se para aí e formar família. Já casado com Maria da Silva, que residia também com os seus pais, teve duas filhas que nasceram na vila de São Paulo: a primeira, homónima da mãe, nasceu por volta de 1665 e Joana, um ano mais tarde. Neste caso, Manuel não ficou por aqui e, em 1670, voltou a casar no seu novo local de residência, a Ilha de São Sebastião, agora com Clara Cabral de Sousa. Porém, a curta distância que mantinha com a anterior família não o impediu de confrontar a justiça inquisitorial que, logo no ano seguinte, o prendeu, no Rio de Janeiro, por bigamia para o enviar a Lisboa².

² Arquivo Nacional da Torre do Tombo (doravante ANTT), Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 10728, fls. 1, 5, 7, 18-19, 36-36v, 42v.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

Concorreram também para estas deslocções internas as conjunturas que a América portuguesa atravessou. Os conflitos armados e até a especialização económica de determinadas áreas geográficas foram causas da mobilidade das populações que se foram fixando ao longo do século XVII. Assim aconteceu com os migrantes que, chamados por familiares ou amigos, se dirigiram às plantações sacarinas onde encontraram um espaço para exercer a sua ocupação, tal como com as populações que, nas décadas de conflito bélico com os neerlandeses, optaram pela fuga, partindo para Sul ou retornando ao reino, ou ainda pelo combate, deslocando-se para os espaços onde as escaramuças ocorreram.

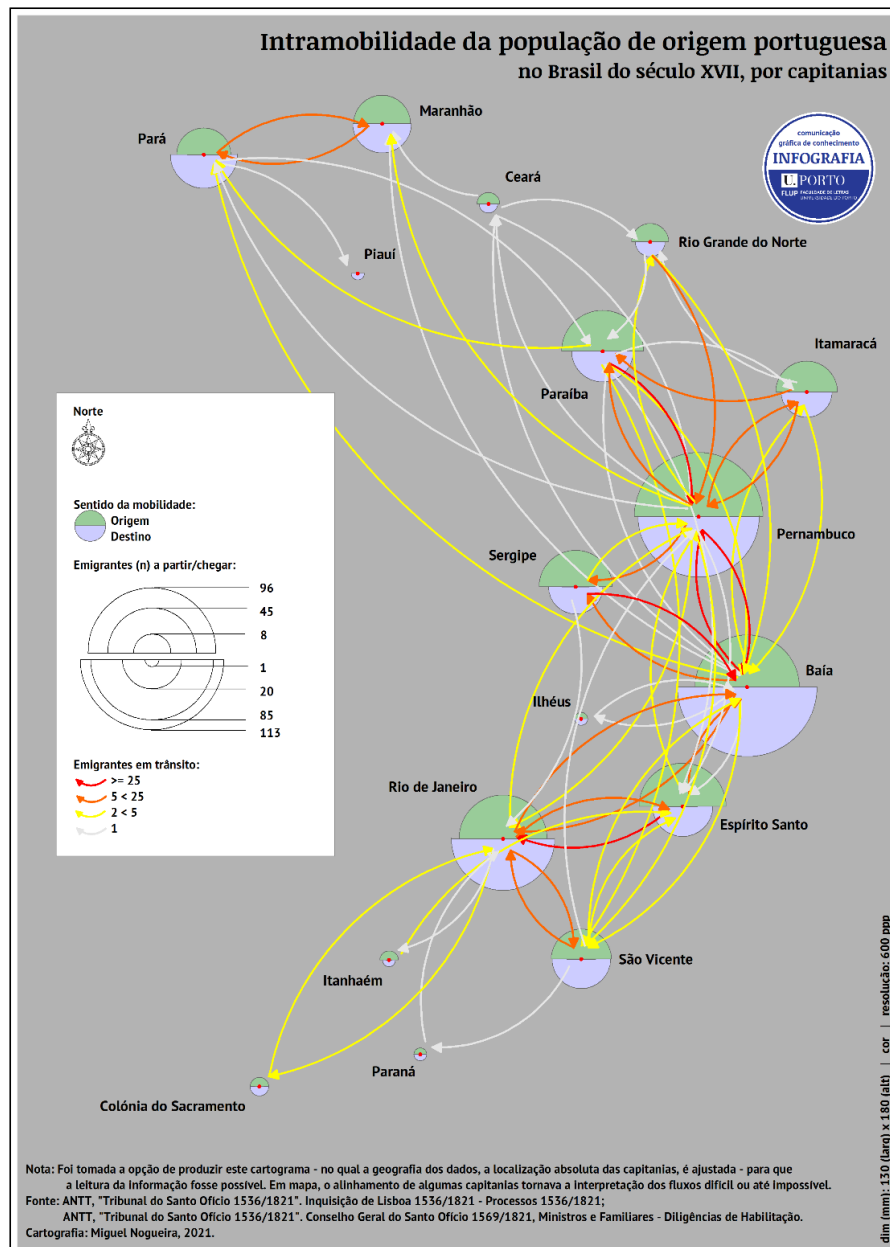
Reagindo à presença de outros povos europeus, combatendo para a obtenção de uma maior área arável ou apta à introdução de novas pastagens e buscando recursos naturais passíveis de rentabilizar a ocupação da terra, os deslocamentos internos foram essenciais para o crescimento do Brasil. Por este motivo devem ser estudados não só numa perspetiva macro, procurando as tendências gerais, mas ainda com atenção ao detalhe, buscando motivações específicas para determinados trajetos.

4. A mobilidade interna das populações de origem europeia na América portuguesa

Nas fontes inquisitoriais, complementadas com a consulta das diligências de habilitação dos familiares do Santo Ofício, são as capitanias com o maior povoamento – Pernambuco, Baía e Rio de Janeiro – que apresentam um número de partidas mais significativo (Figura 1). Mas estes contactos não eram só com espaços externos: entre os maiores polos de ocupação portuguesa a circulação foi considerável, sendo esta inevitavelmente maior no Nordeste. De Pernambuco, local que surge mais vezes como ponto de partida, 96 de 414 extravasaram os limites das fronteiras de cada uma das capitanias, 49 foram para a Baía, o que corresponde a cerca de 51%.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

Figura 1. Intramobilidade da população de origem portuguesa no Brasil no século XVII, por capitanias



Da mesma forma, as saídas do Recôncavo foram sobretudo para Pernambuco, ainda que em menor número, apenas 28 de 63 partidas (44,4%). A ligação entre estas capitanias é mesmo a única que, na Figura 1, tem as partidas e as chegadas de cada uma delas representadas a vermelho, ilustrando a intensidade das ligações.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

Considerando a distribuição cronológica, as saídas em direção à Baía e a todo o Nordeste são aquelas que apresentam uma maior amplitude cronológica, apesar de 17,7% não mencionarem uma data. Não se registaram saídas dessa capitania apenas na década de 1621 a 1630, ou seja, no período imediatamente a seguir à visita inquisitorial de 1618-1620 ao Recôncavo, e de 1651 a 1660,. Parece, desta feita, notório que a deslocação do visitador Marcos Teixeira à região pode ter estado na origem de uma abstenção nas viagens não só de cristãos-novos, mas de todos aqueles que quisessem manter-se afastados do tribunal (Pereira, 2011: 41).

Já a década em que se verificaram os conflitos finais com os neerlandeses, terminados em 1654, parece ter conhecido uma redução drástica das fugas para a capital, a sul, pois foi nos anos entre 1641 e 1650 que se verificou a maior saída de gentes de Pernambuco. Estes dados, que apontam 24 chegadas à Baía, confirmam a hipótese de uma fuga causada pela Insurreição Pernambucana. Aliás, André Vidal de Negreiros, um dos líderes desta insurreição lançada em 1645 contra a presença holandesa e que rapidamente empurrou o inimigo para um conjunto de pequenos fortes além do Recife, aparece, a miúdo, na documentação durante esta época³.

Apesar de ser unânime na bibliografia e de existir um acréscimo demográfico detetado por este estudo, as partidas com direção ao Rio de Janeiro na altura da guerra escaparam aos registos inquisitoriais. As restantes saídas de Pernambuco corroboram os dados identificados para a Baía, apresentando a capitania uma forte relação com toda a região nordestina, agindo como um ponto de disseminação da ocupação portuguesa (Carvalho Júnior, 2005: 42). Paraíba, com 14 chegadas, Itamaracá, com 12, Sergipe, com oito, e Rio Grande, contando apenas três, identificam o Nordeste como o detentor de praticamente 90% de todos os destinos para onde partiram aqueles que optaram por abandonar Pernambuco. As saídas remanescentes, já em número pouco considerável, dividiram-se entre a floresta tropical a norte e as Bandas do Sul.

Relativamente aos que partiram da capitania da Baía, para além dos que se dirigiram a Pernambuco, garantindo que uma grande fatia desta população permaneceu no Nordeste, a distribuição das saídas foi mais dispersa. Só a capitania do Rio de Janeiro

³ ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 4786, fl. 20v.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

acolheu 12 migrantes, ou seja, 19% do número de saídas, o que perfaz quase o dobro da proporção daqueles que, desde Pernambuco, se deslocaram para fora do Nordeste. Se a esta forem somadas todas as outras partidas em direção a sul, para São Vicente e Espírito Santo, as capitanias do sul concentram 25,4% dos destinos daqueles que saíram da Baía.

Face a estes dados, parece provável que existisse uma maior relação da capitania da Baía com os territórios mais a sul do que desde Pernambuco, funcionando o porto de Salvador não só como um ponto de partida para o reino, mas também para a navegação de cabotagem que percorria a costa brasileira. Este estatuto seria ainda fortalecido no período neerlandês, com o porto de Recife fora do controlo português, o que justifica a diminuição das referências a essa localidade entre 1630 e 1654. Demonstra-se, assim, a hierarquização existente entre as diversas capitanias brasileiras, que, durante o século XVII (e provavelmente mais ainda no anterior), colocam Salvador como o centro nevrálgico de todo o território.

No entanto, tal como a Várzea pernambucana, o Recôncavo baiano, e especialmente a cidade de Salvador, foram, por excelência, centros difusores do povoamento do Nordeste, para onde se dirigiram 65% dos migrantes, se aos de Pernambuco somarmos os 9 de Sergipe, 2 de Itamaracá, os representantes únicos que foram para Ilhéus e Paraíba.

Estas movimentações podiam ser simples adaptações à realidade económica local, procurando uma forma de sustento na indústria sacarina, ou novos mercados para exercer as suas ocupações, como ocorreu com Bernardo de Aguirre que substituiu Luís Álvares como caixeiro de Manuel Rodrigues Sanches. Em 1619, partiu de Salvador, onde residiu até então, e onde permaneceu o seu empregador, para a Ilha de Maré e, de seguida, para Paripe, onde exerceu a sua ocupação.⁴

Outros houve que, acompanhando os combates da guerra da Liberdade Divina, se viram forçados a deslocar. É conhecido, e foi extensamente analisado por Ronaldo Vainfas, o caso do Padre Manuel de Moraes, condenado por calvinismo, que foi preso e remetido a Lisboa em 1646, depois de uma carreira religiosa e de ter sido capelão militar no Nordeste brasileiro (Vainfas, 2008). Nascido em São Paulo, em 1596, em 1618 já estudava em Salvador no colégio jesuíta. Percorreu a capitania de Pernambuco em

⁴ ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquirição de Lisboa, proc. 9457, fls. 5, 10.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

combates contra os holandeses no início da década de 1630 e chegou até ao Rio Grande do Norte, onde liderou um conjunto de índios em combate. Aprisionado no Recife, em 1635, foi residir para os Países Baixos, onde se converteu ao calvinismo, passando por Amesterdão, Harderwijk e Leiden, regressando a Iguarassu, em Pernambuco, para voltar a ser encarcerado, desta feita pela Inquisição, que o transportou para Lisboa, onde foi julgado, depois de ter sido já queimado em efígie por estar ausente na Holanda⁵.

O número de saídas mais reduzido para o Maranhão e Grão-Pará, com apenas seis contabilizadas e quatro delas para o Pará, confirma que as dificuldades da travessia, assim como a distância desde o Estado do Brasil, impuseram uma maior necessidade de povoamento orientado pela Coroa com reservas demográficas dos arquipélagos atlânticos.

Tal como desde Pernambuco, as partidas da Baía que se dirigiram para outros pontos do Nordeste foram uniformemente distribuídas ao longo do século, estando apenas ausentes na primeira década da centúria e entre 1631 e 1640, quando se inaugurou a conquista neerlandesa no Nordeste e a Baía recebeu mais contingentes em fuga do que aqueles que enviou. As saídas para sul conheceram algumas referências nos anos entre 1621 e 1640, década da visita inquisitorial e período que se lhe seguiu, sugerindo o deslocamento da população para a qual a presença do tribunal poderia ser uma ameaça, mas concentram-se principalmente na segunda metade do século, que foi de crescimento, sobretudo do Rio de Janeiro.

Já para norte, as partidas são registadas apenas na primeira metade de Seiscentos, altura da conquista do território aos franceses e estabelecimento português na foz dos rios da Amazônia. Os dados parecem confirmar que a ocupação do Maranhão e Grão-Pará e, posteriormente, o seu povoamento constituíram duas fases diferentes. A primeira correspondeu sensivelmente ao período entre a conquista e 1650, dependente de um deslocamento da população desde o Nordeste em busca de novas terras enquanto afastavam os franceses da região (Silva, 2003: 227; Chambouleyron, 2010: 121-122). A segunda fase, a partir de 1650, contou com um maior peso dos contingentes chegados dos Açores que vinham sendo integrados desde finais do século XVI e, em menor número, da

⁵ ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 4847, fls. 3v-4, 8v-9v, 13-14v, 20v, 84-85, 120v, 153.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

Madeira para garantir o povoamento, rentabilização e defesa do território (Chambouleyron, 2010: 33-34). As restantes capitanias do Nordeste são ultrapassadas, em número de saídas apuradas, quer pelo Rio de Janeiro, quer pelo Espírito Santo.

Paraíba, a norte de Pernambuco, foi a capitania do Nordeste que, depois da Baía, registou a maior mobilidade dentro do território brasileiro, pelo menos em termos de partidas, e com um número significativo tendo em conta o tamanho da amostra (39). Destas, cerca de três quartos foram para Pernambuco (29), o que confirma a grande dependência desta capitania dos interesses instalados em Olinda e no Recife, forçando a mobilidade da população em direção ao local onde os interesses estavam instalados e desde onde se geriam os negócios e vendiam as produções. O crescimento da área de plantação açucareira, que gradualmente reclamou os territórios anexos às principais capitanias nordestinas, foi o motivador, por excelência, desta intramobilidade.

As quatro saídas desde Paraíba para a Baía e a única para Itamaracá põem a mobilidade que permaneceu no Nordeste acima dos 87% das deslocações totais verificadas a partir de Paraíba, estando clara uma hierarquização das capitanias. Os registos tanto para o norte da América portuguesa como para as Bandas do Sul são em número bem menor, apenas de duas saídas com destino ao Pará e outras duas para São Vicente, às quais se somou uma para o Espírito Santo. É bastante provável que qualquer uma destas deslocações para outras regiões brasileiras tivesse de ter passado pelos portos de Salvador ou Recife, mas que essas menções tenham ficado por assentar nos processos inquisitoriais por serem consideradas óbvias ou desnecessárias, o que reforça mais a tese de hierarquização existente nas capitanias do Nordeste.

Destaque-se ainda a altura em que ocorreu esta mobilidade, especialmente a que se dirigiu a Pernambuco, concentrada na década de 1641 a 1650, quando Paraíba se encontrava ocupada, assim como uma parte significativa do Nordeste. Quer para tomar posições no campo de batalha, quer para fugir ao conflito, parece acertado afirmar que a investida da Companhia das Índias Ocidentais neerlandesa na América foi um dos principais fatores de mobilidade, como afirmou Evaldo Cabral de Mello (1975: 167). Este incremento das movimentações não foi apenas interno, mas também para a Europa, pois Amsterdão tornou-se, nesta altura, uma cidade com contactos intensos com o Recife,

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

circulando muita gente com motivações bélicas, económicas e religiosas (Wiznitzer, 1960: 46).

Os dados apurados para Sergipe e Itamaracá apontam na mesma direção. Salvador e Olinda/Recife constituíram dois pontos nevrálgicos na região, concentrando a sua administração, mas também os locais de consumo e escoamento das produções das suas áreas envolventes, como do açúcar para Lisboa ou Amesterdão. Funcionaram, portanto, como as duas cabeças da região (Corrêa, 2011: 58-59). De Sergipe partiram para a Baía 26 dos 31 indivíduos, enquanto quatro tiveram Pernambuco como destino e apenas um que daí saiu chegou ao Rio de Janeiro. De Itamaracá, capitania que mais não foi do que uma pequena língua de terra nas proximidades de Olinda, partiram também mais de metade, 13 de 22 indivíduos, para Pernambuco, a par de cinco para a Paraíba, três para a Baía e uma para o Rio Grande, ou seja, ficaram todos no Nordeste.

Uma vez mais, parte significativa desta mobilidade interna ocorreu no período dos combates contra os neerlandeses, com nove deslocações entre o Sergipe e a Baía entre 1641 e 1650 e dez de Itamaracá para outras capitanias nordestinas no mesmo período. No caso de Sergipe, estes movimentos foram ainda ultrapassados por outros ocorridos na década de 1671 a 1680, quando foram declaradas 11 chegadas à Baía, mais cinco do que na década seguinte, o que demonstra uma circulação que extravasou o período da ocupação, e sugerindo uma mobilidade contínua entre os territórios subalternos e as primeiras capitanias, que não foi exclusiva na altura do Brasil holandês, apesar do seu papel preponderante.

Os interesses económicos da população instalada nos principais polos estavam disseminados pelas periferias das cidades e vilas onde estavam localizados os engenhos de açúcar, mas também toda uma pujante produção agrícola e pecuária que possibilitava a especialização económica do território (Sampaio, 2014: 391, 400). Assim, era comum a existência de uma segunda casa na cidade para vindas em negócio que fomentava a circulação entre o mundo rural, onde os interesses económicos estavam concentrados numa economia de plantação, e o mundo urbano (ainda que diminuto no Brasil seiscentista) (Silva, 1991: 319). Esta mobilidade atravessou todo o século XVII, justificando a deslocação contínua da população encontrada nas fontes entre os centros político-demográficos e o *hinterland*.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

Com bem menos deslocamentos estão o Rio Grande do Norte e Ilhéus, ambas com movimentos concentrados apenas no Nordeste. Da primeira, cinco partiram para Pernambuco, local de onde era proveniente a população que ocupou esta capitania durante as deslocamentos para o norte que redundaram na conquista do Maranhão e Pará. De resto, dois foram para a Baía e um para Paraíba, estando seis destes movimentos registados na primeira metade do século, o que confirma, uma vez mais, que o povoamento feito a norte de Pernambuco, sobretudo para lá da Paraíba, esteve numa primeira fase dependente de Olinda e do Recife. Quanto a Ilhéus, existe apenas menção a um movimento em direção à Baía na década de 1671-1680, capitania da qual Ilhéus dependia, fruto da ocupação da área envolvente do Recôncavo para sul e da sua incapacidade em despachar para a Europa o açúcar aí produzido (Johnson, 1992: 241; Conceição, 2018: 44).

Em segundo lugar, em termos de regiões que registaram uma maior contagem de partidas, está aquela que também foi a segunda mais povoada por uma população europeia durante o século XVII, o conjunto das capitanias do sul. Naturalmente, é também o Rio de Janeiro, capitania com a maior população portuguesa a sul do Recôncavo, a que contabilizou maior número de movimentações (45), ainda que acompanhada pelo Espírito Santo (44). Aqui, tal como na Baía, a capitania central não conheceu um grande destaque em termos de movimentações. Se Pernambuco, como local de partida em direção a norte e pela sua concentração de interesses açucareiros, pode justificar os valores encontrados, o Rio de Janeiro, pela sua posição dominante a sul, aparenta ser um local com uma menor mobilidade em termos proporcionais, atraindo as populações das áreas envolventes (Figura 1).

Não superando 27,8% do total de deslocamentos entre as diversas capitanias apuradas no Brasil Seiscentista, o Rio de Janeiro concentra 39,1% destas, o que, somados os movimentos dos indivíduos que optaram por sair do Espírito Santo, segunda capitania mais povoada da região, perfaz um total de 77,4% das saídas, três quartos das registadas nas Bandas do Sul. E, do Rio de Janeiro, as movimentações foram em maior número precisamente para este em direção à capitania vizinha do Espírito Santo que registou 14 chegadas. São Vicente, com povoamentos tanto junto à costa, na ilha que deu nome à capitania, como no planalto paulista, registou 13 chegadas desde a Baixada Fluminense, tantas quantas a Baía. As restantes menções a partidas são já em número inferior, sendo

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

apuradas duas para Pernambuco e Colónia do Sacramento e uma para Itanhaém, a sudoeste de São Vicente.

O interesse da mobilidade a partir do Rio de Janeiro está na leitura bifocal que estes resultados permitem. Como principal entreposto das conquistas portuguesas no sul do Brasil, a baía da Guanabara foi um local de disseminação da população não só para as capitânicas vizinhas, que, como se verá, mantinham um forte contacto com a cidade, mas para as áreas mais remotas do sul, enviando contingentes para reforçar a presença nos territórios em disputa com Espanha, nomeadamente os mais próximos do Rio da Prata, como a Colónia do Sacramento (Russell-Wood, 1998: 135; Silva, 2004: 2-3).

No entanto, por cumprir esta mesma função, tinha também um contacto mais intenso com a capital brasileira, enviando e recebendo frequentemente embarcações de e para Salvador, descontando já as que se dirigiam ao reino ou à costa africana, tendo este porto sido fulcral no envio de reforços militares para a conquista aos neerlandeses das praças de Luanda, Benguela e São Tomé (Pessoa, 2009: 61). Assim se garantia a administração do território, fazendo circular os responsáveis pelo governo das gentes e a correspondência, a chegada e partida de elementos do clero e o escoamento da mercadoria. Desta forma se explica, na Figura 1, a intensidade das relações mantidas entre a capitania do Rio de Janeiro e a Baía, representadas a laranja, enquanto as relações com as áreas mais afastadas, nomeadamente, as mais próximas da região platina, conheceram um menor número de saídas quando comparadas com o Espírito Santo ou São Vicente.

Cumpre-se, então, o modelo de intermobilidade radial ou centrífuga, em que as populações partem dos principais povoados em direção ao sertão ou a povoados menores, garantindo o progressivo crescimento da área controlada pela Coroa portuguesa e, consequentemente, o alargamento da fronteira. Todavia, ao mesmo tempo, existem pontes extrarregionais que mantêm o contacto com os centros de poder. Estas vão adquirir uma maior importância e, por isso, registar um maior número de passagens, quando ligavam cidades de maior relevo dentro do sistema de ocupação portuguesa, adquirindo um papel na mobilidade doméstica.

Do Espírito Santo, as saídas em direção ao Rio de Janeiro adquiriram uma proporção mais expressiva (65,9%) com 29 menções. Localizada em posição intermédia entre a baía da Guanabara e o Nordeste, esta capitania enviou um número de indivíduos

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

para a Baía e Pernambuco semelhante ao Rio de Janeiro, mas estas adquiriram já um peso bem menor, demonstrando, ainda assim, a existência de contactos entre os portos menores com os centros económicos e de poder, por onde deveriam ser exportadas as suas produções.

A distribuição cronológica das partidas de ambas as capitanias torna clara a intensificação dos contactos com o Nordeste na segunda metade da centúria, quando, não só cresceu o número de luso-brasileiros a residir nas Bandas do Sul, como aumentou o poderio económico da região, com o Rio de Janeiro à cabeça, do que se tornou, na segunda metade do século XVII, a segunda maior área de produção açucareira, enquanto Pernambuco recuperava dos efeitos da guerra (Strum, s.d.: 12). Fruto do crescimento da indústria açucareira da região e beneficiando da população em fuga desde o Brasil holandês, os interesses concentrados a sul convergiram com os do Nordeste, aproximando as duas regiões dentro do Atlântico português e intensificando os seus contactos no decorrer das décadas.

Por este motivo são mais dispersas as saídas do Rio de Janeiro em direção a outras capitanias do sul ao longo do século XVII, enquanto em direção a norte ocorrem entre 1651 e 1690, salvo o período entre 1671 e 1680. Desde a capitania do Espírito Santo, os contactos com a Baía eram mais precoces, já registados nas décadas de 1621 a 1630 e 1641 a 1650, mas ainda em número bastante reduzido, de apenas uma saída em cada. Neste caso, foi entre 1671 e o final do século que foram mais vezes mencionadas partidas com destino a norte, mas foi também na segunda metade da centúria que se registou o grosso das chegadas ao Rio de Janeiro desde o Espírito Santo. Assim, o segundo maior povoamento do sul da América portuguesa – o Espírito Santo – perdeu cada vez mais autonomia, ficando dependente da primeira das Capitanias do Sul.

Já São Vicente registou um número consideravelmente menor de partidas em direção a outras partes do Brasil, com 21 menções na documentação. Bastante menos ainda, registam as capitanias e territórios escassamente povoados da faixa entalada entre o Atlântico e o Rio Uruguai: a Colónia do Sacramento e o Itanhaém contam duas cada e o Paraná apenas uma.

Em qualquer uma destas capitanias é notório o mesmo padrão, com o Rio de Janeiro a concentrar um número significativo dos destinos daqueles indivíduos que escolheram

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

partir do ponto onde residiam ou que apenas circulavam pelo sul do Brasil. De todas as saídas registadas desde São Vicente, 15 tomaram o rumo do Rio de Janeiro, com uma grande dispersão cronológica, dada também a curta distância que separava as duas capitânicas, a forte interrelação dos dois espaços, com fronteiras pouco definidas e a antiguidade da presença portuguesa na região do Planalto, anterior à fundação da cidade do Rio de Janeiro que funcionou como um dos portos da vila do Piratininga (Schwartz, 2020: 335).

As restantes menções apontam para uma ligação com outras áreas das Capitânicas do Sul, nomeadamente o Espírito Santo, com duas referências, e o Paraná, com uma. Pelo papel da vila de São Paulo na realização de expedições que conduziram os portugueses ao interior do território em busca de ouro e mão-de-obra indígena e também pela sua capacidade de enviar contingentes para formar novos povoamentos, como aconteceu com o Paranaguá, muitos mais deslocamentos houve para outros espaços do sul do Brasil que não aparecem documentados, mas poderiam reforçar a responsabilidade da vila no povoamento português do interior sul (Hemming, 1984: 42-43).

A importância dos povoamentos nesta capitania é ainda demonstrada pela relação existente entre a população local e o Nordeste, sendo apuradas duas partidas rumo à Baía e outra com destino a Pernambuco. Escondidas ou não as possíveis escalas realizadas no porto do Rio de Janeiro, os contactos mantidos pela vila de São Paulo, São Vicente e Santos com o Nordeste atestam a realização de viagens entre estes espaços.

Os contactos do Paraná e da Colónia do Sacramento foram exclusivamente com o porto do Rio de Janeiro, local de onde eram elaborados planos para o povoamento das regiões fronteiriças a sul e que, por esse motivo, enviava para aí povoadores e militares, fomentando, posteriormente, estas viagens de retorno, assim como a necessidade de recolher ordens. Este foi o caso da Colónia do Sacramento, cujos reforços eram recebidos da cidade fluminense numa tentativa de incomodar o tráfico do metal espanhol na foz do Rio Prata.

Por fim, o Estado do Maranhão e Grão-Pará, na região norte da América portuguesa, conheceu um número bastante reduzido de menções a saídas de qualquer uma das suas capitânicas durante o século XVII. Não superando os 9,4% do total de viagens apuradas, o que corresponde a 39 partidas, este território, pela sua vastidão, implicou uma grande

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

quantidade de deslocamentos que não ultrapassaram as fronteiras das duas capitanias, ainda que estas pudessem ser feitas para distâncias ainda maiores do que noutras regiões, como entre a Baía e Pernambuco ou o Rio de Janeiro e São Vicente. O povoamento de pequenos contingentes observado ao longo do Amazonas e seus afluentes, onde foram encontrados indivíduos a residir em vilas ou fortes, estes com funções militares como no Gurupá, era orientado a partir dos maiores núcleos demográficos da região, São Luís e Belém, pelo que a existência de uma mobilidade interna dentro de ambas as capitanias é clara (Chambouleyron, 2005: 65).

Existe aqui, no entanto, uma clara tendência de atração pelo norte, desde os espaços ocupados em finais de Quinhentos ou já nas primeiras décadas do século XVII, como as capitanias mais a norte do Brasil açucareiro. No caso do Maranhão, as partidas apontam claramente neste sentido, sugerindo que a Ilha de São Luís e territórios envolventes serviram como um ponto de dispersão da população para as margens do Amazonas, uma vez que as 19 partidas registadas tiveram como destino o Pará (Mauro, 1987: 44).

Desta capitania no extremo norte da América portuguesa, as saídas tinham, inevitavelmente, de ser em direção a sul, não apontando, portanto, para novos locais de povoamento para onde os interesses da população fixada se dirigiam. E o Maranhão, com 15 das 17 chegadas apuradas desde o Pará, foi claramente o local de maior contacto desta região, com travessias frequentes entre os portos de Belém e São Luís. Os outros dois trajetos apontam para os territórios intermédios entre o Nordeste e o Maranhão e Grão-Pará, com uma menção ao Piauí e outra a Paraíba. Neste caso, as pontes que conectam as duas regiões não são feitas através da deslocação entre as capitais, como ocorreu entre a Baía e o Rio de Janeiro, dada a dificuldade de acesso, pela via marítima, de Salvador ou Olinda aos trópicos. Os dados sugerem uma mobilidade terrestre, que contava com passagens por territórios intermédios, onde muitos se fixavam e, posteriormente, percorriam esses percursos no sentido inverso para aí tratar dos seus negócios e gerir os seus interesses.

A mobilidade detetada a partir do Ceará, capitania mais a sul do Maranhão e Grão-Pará, aponta para o mesmo panorama. Apesar de os contingentes apurados junto das fontes serem bem menores, com apenas três viagens encontradas, o padrão é o mesmo. Registou-se uma partida em direção ao Maranhão, outra com destino ao Rio Grande e

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

uma terceira para Pernambuco. Tendo em conta que estas deslocações representam uma primeira fase da ocupação portuguesa do norte, sendo depois a presença portuguesa dependente dos contingentes demográficos que cruzavam o Atlântico desde o reino e arquipélagos, os destinos da intermobilidade brasileira confirmam esta evolução da presença portuguesa no Brasil para o caso do Maranhão e Grão-Pará, num avanço gradual de sul para norte (Carvalho Júnior, 2005: 41-44).

A dispersão cronológica das partidas ocorridas na região para outras capitanias aponta nesse sentido. Não há registo de qualquer atividade inquisitorial na área durante as duas últimas décadas da centúria; porém, os percursos detetados estão concentrados nas décadas de meados do século, com a exceção do Ceará. As partidas desde o Maranhão ocorreram entre 1641 e 1660, altura em que foram detetadas 17 das 19 menções, enquanto aquelas que deixaram o Pará correspondem a 12 de um total de 17. Após as décadas iniciais de conquista, com uma mobilidade oriunda e com destino ao sul, como atestam as três referências do Ceará, uma entre 1601 e 1610, outra entre 1611 e 1620, e a última entre 1631 e 1640, foi no período de efetiva ocupação do território, em meados da centúria, que se registou a maior circulação de gentes, tanto para combate como para exploração ou fixação.

5. Conclusão

A análise da mobilidade da população de origem europeia presente na América portuguesa ao longo de Seiscentos merece algumas considerações. O povoamento levado a cabo pelos portugueses e uma minoria de outros povos europeus no Brasil conheceu um modelo radial que hierarquiza as capitanias em função da concentração demográfica, eclesiástica dos representantes da Coroa e da produtividade económica. Tanto incentivada pela Coroa como feita ao sabor das motivações individuais dos migrantes, a disseminação religiosa, o conflito com as populações locais, a produção alimentar e, em particular, a sacarina, seguiram uma tendência de dispersão com partida nos principais polos de povoamento em direção ao sertão.

Confrontada com inimigos autóctones e europeus e aproveitando os solos aráveis e os cursos de água navegáveis, a presença portuguesa na América ao longo do século XVII foi sendo cimentada desde um núcleo principal no Nordeste, mas também na capitania do

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

Rio de Janeiro, para as regiões no extremo norte e sul do que é hoje o Brasil. Para este desenrolar do povoamento português, contribuíram os principais polos de ocupação, como Salvador, Olinda e Recife, Rio de Janeiro ou São Paulo, a partir dos quais o contacto com o *hinterland* era constante, tanto numa mobilidade sazonal (por exemplo, tratar de negócios) como definitiva.

O Brasil conheceu novas centralidades com o decorrer do século, particularmente a norte e a sul. O crescimento que ocorreu no Nordeste, em particular no Recôncavo Baiano e na Várzea pernambucana, foi impulsionado pelo aumento das áreas produtivas ganadeiras, sacarinas e de outros bens agrícolas, ocorrendo em detrimento das populações locais. A guerra com os neerlandeses também motivou uma forte deslocação circunstancial, feita em combate ou fuga, que implicou a transferência da centralidade de Olinda para o Recife.

Em direção à Amazónia, o avanço foi feito desde a Baía e Pernambuco e, sobretudo, causado pelas iniciativas militares que procuravam afastar os franceses na primeira metade da centúria. Só depois das motivações belicistas, a mobilidade conheceu uma tendência semelhante ao Nordeste, em que o benefício económico provocou a exploração e rentabilização dos espaços envolventes.

No sul/sudeste, a mobilidade detetada a partir do Rio de Janeiro e mesmo até essa localidade demonstra que eram as guerras a norte que permitiam à região crescer, beneficiando da fuga das populações nordestinas. Mas se a causa para a expansão era bélica, foram novamente as preocupações económicas, como o crescimento das plantações sacarinas, que provocaram o povoamento regional, afastando a fronteira para o interior e o sul. Assim, o povoamento português empurrou, de forma natural, as populações locais ou estrangeiras para as periferias da sua ocupação, motivada pela tentativa – nem sempre de coordenação régia – de obter novas formas de rendimento. Nos espaços onde a pressão bélica era demasiada, como no interior amazónico ou no extremo sul, a Coroa impôs uma presença militar.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

Fontes manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)

Diligências de Habilitação para o cargo de familiar do Santo Ofício de Pedro Martins Negirão, casado com Maria de Moura. Diligências de habilitação, Ministros e Familiares, Conselho Geral do Santo Ofício 1569/1821, Tribunal do Santo Ofício 1536/1821. Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, Pedro, mç. 41, doc. 718.

Diligência de Habilitação de Francisco Monteiro Mendes. Diligências de habilitação, Ministros e Familiares, CGSO 1569/1821, TSO 1536/1821. TSO, Conselho Geral, Habilitações, Francisco, mç. 6, doc. 232.

Diligência de Habilitação de Manuel Fernandes Franco. Diligências de habilitação, Ministros e Familiares, CGGS 1569/1821, TSO 1536/1821. TSO, Conselho Geral, Habilitações, Manuel, mç. 10, doc. 292.

Diligências de Habilitação para o cargo de familiar do Santo Ofício de João Peixoto Viegas. Diligências de habilitação, Ministros e Familiares, Conselho Geral do Santo Ofício 1569/1821, Tribunal do Santo Ofício 1536/1821. TSO, Conselho Geral, Habilitações, João, mç. 5, doc. 194.

Diligência de habilitação de Inácio de Matos. Diligências de habilitação, Ministros e Familiares, CGSO 1569/1821, TSO 1536/1821. TSO, Conselho Geral, Habilitações, Inácio, mç. 2, doc. 18.

Diligência de Habilitação de João Antunes Viana. Diligências de habilitação, Ministros e Familiares, CGSO 1569/1821, TSO 1536/1821. Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, João, mç. 12, doc. 354.

Diligência de Habilitação de João do Couto de Andrade. Diligências de habilitação, Ministros e Familiares, CGSO, TSO 1536/1821. TSO, Conselho Geral, Habilitações, João, mç. 18, doc. 456.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

Diligência de Habilitação de Gonçalo Ferreira Souto. Diligências de habilitação, Ministros e Familiares, CGSO 1569/1821, TSO 1536/1821. TSO, Conselho Geral, Habilitações, Gonçalo, mç. 3, doc. 68.

Diligência de Habilitação de Carlos Antunes de Matos. Diligências de habilitação, Ministros e Familiares, CGSO 1569/1821, TSO 1536/1821. TSO, Conselho Geral, Habilitações, Carlos, mç. 1, doc. 5.

Diligência de Habilitação de Lourenço Gomes Ferraz. Diligências de habilitação, Ministros e Familiares, CGSO 1569/1821, TSO 1536/1821. TSO, Conselho Geral, Habilitações, Lourenço, mç. 3, doc. 51.

Processos inquisitoriais. Processos 1536/1821, Inquisição de Lisboa 1536/1821, Tribunal do Santo Ofício 1536/1821. Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa: 135; 306; 560; 774; 936; 1290; 1292; 1406; 1462; 1465; 1513; 1717; 1770; 1773; 1778; 1848; 2075; 2674; 2686; 2758; 2816; 2840; 2840-1; 3081; 3157; 3259; 3382; 3618; 3641; 3648; 3653; 3654; 3662; 3666; 3953; 4044; 4230; 4452; 4487; 4565; 4602; 4702; 4786; 4789; 4847; 5212; 5368; 5391 5411; 5411-1; 5422; 5436; 5556; 5586; 5722; 5724; 5847; 5912; 5964; 6555; 6296; 6702; 6997; 7092; 7214; 7276; 7338; 7360; 7383; 7394; 7467; 7523; 7532; 7533; 7613; 7709; 7820; 7839; 7847; 8074; 8448; 8457; 8462; 8799; 8836; 8991; 9077; 9315; 9457; 9527; 9668; 9723; 9725; 10018; 10022; 10026; 10068; 10101; 10181; 10191; 10222; 10264; 10291; 10473; 10727; 10728; 10890; 11278; 11362; 11388; 11423; 11438; 11550; 11562; 11575; 11618; 11756; 11825; 11973; 12242; 12556; 12658; 13076; 17999.

Fontes impressas

“Dos que sem licença del Rey vão, ou mandão á India, Mina, Guiné; e dos que indo com licença, não guardão seus Regimentos” in *Ordenações Filipinas*. Lisboa: Mosteiro de São Vicente de Fora, 1747, Livro V, Título CVII, pp. 1252-1259.

SALVADOR, Frei Vicente do [1918], *Historia do Brasil 1500-1627*, São Paulo/Rio de Janeiro, Weiszflog Irmãos.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

Bibliografia

CARVALHO JÚNIOR, Almir Diniz de (2005), *Índios Cristãos: A conversão dos gentios na Amazônia Portuguesa (1653-1769)*, Tese de Doutorado em História Social, Campinas, Unicamp.

CHAMBOULEYRON, Rafael (2005), *Portuguese Colonization of the Amazon Region, 1640-1706*, Tese de Doutorado em História, Cambridge, University of Cambridge.

CHAMBOULEYRON, Rafael (2010), *Povoamento, ocupação e agricultura na Amazônia colonial (1640-1706)*, Belém, Açaí.

CONCEIÇÃO, Héliida Santos (2018), *O sertão e o império: As vilas do ouro na capitania da Baía (1700-1750)*, Tese de Doutorado em História Social, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CORRÊA, Helidacy Maria Muniz (2011), *“Para aumento da conquista e bom governo dos moradores”: O papel da Câmara de São Luís na conquista, defesa e organização do território do Maranhão (1615-1668)*, Tese de Doutorado em História Social, Niterói, Universidade Federal Fluminense.

HEMMING, John (1984), “Indians and the Frontier in Colonial Brazil” in Leslie Bethell (ed.), *The Cambridge History of Latin America*, Vol. II: Colonial Latin America, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 445-501.

HOLANDA, Sérgio Buarque (2007), *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo I: A Época Colonial, vol. 1: Dos Descobrimentos à Expansão Territorial, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

JOHNSON, Harold (1992), “Desenvolvimento e expansão da economia brasileira” in Joel Serrão (dir.); A. H. de Oliveira Marques (dir.), *Nova História da Expansão Portuguesa*, Vol. VI: O império luso-brasileiro 1500-1620, Lisboa, Editorial Estampa, pp. 205-302.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1998), *História de Portugal*, Vol. II: Do Renascimento às Revoluções Liberais, Lisboa, Editorial Presença, 1998.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

MAURO, Frédéric (1987), “Political and Economic Structures of Empire, 1580-1750” in Leslie Bethell (ed.), *Colonial Brazil*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 39-66.

MELLO, Evaldo Cabral (1975), *Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*, Rio de Janeiro/São Paulo, Forense-Universitária/Editora da Universidade de São Paulo.

NOVINSKY, Anita (1985), *A Inquisição*, São Paulo, Editora Brasiliense.

PEREIRA, Ana Margarida Santos (2011), “Terceira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil. Capitanias do Sul, 1627-1628”, *POLITEIA: História e Sociedade*, vol. 11, n.º 1, pp. 35-60, [consultado em 08/07/2025]. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/politeia/article/view/3792>.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva (2009), “Vidal de Negreiros: um homem do Atlântico no século XVII” in Carla Mary S. Oliveira (org.); Mozart Vergetti de Menezes (org.); Regina Célia Gonçalves (org.), *Ensaio sobre a América Portuguesa*, João Pessoa, Editora Universitária, pp. 53-65.

RICUPERO, Rodrigo (2016), “O Brasil e Felipe IV: uma aproximação” in Ana Paula Torres Megiani (org.); Manuel Santos Santos Pérez (org.); Kalina Vanderlei Silva (org.), *O Brasil na Monarquia Hispânica (1580-1668)*, São Paulo, Universidade de São Paulo, pp. 145-155.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. (1998), “Políticas de fixação e integração” in Francisco Bethencourt (dir.); Kirti Chaudhury (dir.), *História da Expansão Portuguesa*, Vol. 2: Do Índico ao Atlântico (1570-1697), Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 126-150.

SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de (2014), “Fluxos e refluxos mercantis: centros, periferias e diversidade regional” in João Fragoso (org.); Maria de Fátima Gouvêa (org.), *O Brasil Colonial*, Vol. 2: 1580-1720, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, pp. 379-418.

Diogo Andrade Cardoso – *Mobilidade da população de origem europeia na América Portuguesa no século XVII: povoamento, negócios e conflitos armados*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 2 2025. 117-141.
DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_2o2

SCHWARTZ, Stuart (2020), “Patterns of Conquest and Settlement of the Iberian Americas” in Fernando Bouza (ed.); Pedro Cardim (ed.); Antonio Feros (ed.), *The Iberian World 1450-1820*, Londres/Nova Iorque, Routledge, pp. 319-338.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da (2004), “Soldados, casais e índios no povoamento da nova colônia” in *Colóquio internacional Território e Povoamento - A presença portuguesa na região platina*, Lisboa, Instituto Camões, pp. 1-25 [consultado em 08/07/2025].
Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt>.

SILVA, Kalina Vanderlei Paiva da (2003), “*Nas solidões vastas e assustadoras*” – *Os pobres do açúcar e a conquista do sertão de Pernambuco nos séculos XVII e XVIII*, Tese de Doutorado em História, Recife, Universidade Federal de Pernambuco.

STRUM, Daniel (s.d.) “Brazil on the Atlantic Sugar Trade in the 17th Century” in *Oxford Research Encyclopedia of Latin American History*, pp. 1-22 [consultado em 08/07/2025].
Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199366439.013.645>.

STUDNICKI-GIZBERT, Daviken (2007), *A Nation Upon the Ocean Sea: Portugal's Atlantic Diaspora and the Crises of the Spanish Empire, 1492-1640*, Oxford, Oxford University Press.

VAINFAS, Ronaldo (2008), *Traição: Um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela Inquisição*, São Paulo, Companhia das Letras.

WIZNITZER, Arnold (1960), *Jews in Colonial Brazil*, Nova Iorque, Columbia University Press.